

NOTTA
EDITORIAL
NOTTA DOO EDITTOR
EDITOR'S NOTE

Luis Correa Aydo

Director de Intercambio Psicoanalítico

Ao publicar esta nova edição de Intercâmbio Psicanalítico, nos encontramos em um momento particular na trajetória da Federação e da nossa revista.

Por um lado, no mês de outubro passado, ocorreu o XIII Congresso Latino-Americano da FLAPPSIP, em Lima, Peru. Esse fato, além da importância de manter encontros regulares ao longo de mais de duas décadas, marcou – por muitas razões – uma mudança qualitativa. O desenvolvimento de uma instituição com a projeção territorial da nossa, e com um objetivo definido e original como é a construção de uma psicanálise latino-americana, apresenta enormes desafios que só podem ser enfrentados com perseverança, diálogo e compromisso. Além de todos os canais virtuais da atualidade que tornam tarefas que no passado eram titânicas em tarefas relativamente fáceis, o encontro presencial favorece o sentimento de pertencimento e o reconhecimento recíproco, o que dá substância à estrutura federativa. De um Congresso a outro, vamos conhecendo e apreciando cada vez mais certas linhas de produção teórico-clínica, que começam a se estabelecer como referências. Quem revisar os programas dos treze Congressos realizados até o momento poderá notar, através dos temas, dos convidados e da dinâmica organizacional, um avanço sustentado que supera em muito a simples reprodução escolástica dos autores consagrados nos países centrais. Acrescentemos a isso a crescente presença de colegas jovens, com uma saudável marca renovadora em suas contribuições, interesses e participação. Participar das discussões após as apresentações nas diferentes mesas permite analisar um clima de debate fundamentado e fraterno, o que é um aspecto fundamental, pois o intercâmbio profundo e original dá vida ao encontro e justifica em grande medida o esforço de realizá-lo. No que diz respeito à Revista, o Congresso também teve elementos que devemos destacar. Por um lado, a Assembleia de Delegados renovou o apoio ao Comitê Editorial e à Diretora, que continuará à frente da publicação até 2027: uma responsabilidade que agradecemos e tentaremos honrar com nosso maior empenho.

Por outro lado, a organização do Congresso instituiu um espaço com duas mesas semi plenárias simultâneas: uma dedicada à Diretoria de Pesquisas e outra às Publicações. Isso permitiu visualizar e valorizar a existência de duas áreas de trabalho científico permanente que dinamizam a vida da Federação. Não se trata de um simples esforço somatório, mas, além das respectivas associações e países de seus membros, refletem uma trama de trabalho comum, própria da FLAPPSIP.

Além disso, em matéria de Publicações, houve a feliz coincidência de que, poucos dias antes do Congresso, nossa *Intercâmbio Psicanalítico* tenha sido indexada e incorporada ao catálogo 2.0 da Latindex. A avaliação para obter essa classificação é muito rigorosa e implica o cumprimento de mais de 30 parâmetros exigíveis, que conseguimos alcançar com um esforço acumulativo que teve início com o primeiro número em 2013. Não é este o lugar para aprofundar sobre o significado transcendental, do ponto de vista científico, acadêmico e editorial, dessa conquista, mas basta dizer que ela melhora a pesquisa, o acesso e a recuperação de seus conteúdos e aumenta a visibilidade e a credibilidade da publicação. Além disso, uma divulgação maior e mais qualificada hierarquiza os autores e favorece o fluxo de novos e melhores conteúdos. Quanto a este número em particular, vamos fazer uma breve revisão de seu conteúdo:

Começamos com o trabalho vencedor do **Concurso para Estudantes Jorge Rosa**, edição 2025. Sempre que é realizado um congresso, os colegas que estão se formando nas diferentes associações são convidados a participar deste concurso. O resultado é sempre estimulante, pelo número e pela qualidade das propostas. Desta vez, isso não foi a exceção. Diego Blanco Díaz, colega chileno que está se formando na ASAPPIA, apresentou um trabalho que articula um compromisso social inspirador com uma reflexão teórica refinada. *Uma clínica para além dos muros: habitar a ternura, construir um sujeito ético*, poderia muito bem exemplificar o conjunto de compromissos e objetivos fundacionais da FLAPPSIP. O sustento nas ideias de Silvia Bleichmar é um excelente exemplo do significado de falar sobre “psicanálise latino-americana” e a experiência relatada exemplifica com eloquência o sentido do mote “levar os divãs para a rua”.

Entramos então no núcleo dos **Artigos Científicos** e, para não deixar dúvidas sobre o sentido de urgência que às vezes tem nosso trabalho, o artigo *Viva a liberdade, caralho! Entre a liberdade pensável e o isolamento impensável*, de Liliana Blaustein e Guillermo Manrique de Lara, mergulha de cabeça no debate político mais atual. No entanto, o leitor que espera de uma revista psicanalítica contribuições que não se prendam à minúcia da discussão menor não ficará desapontado. Os autores transcendem a superfície das palavras e dos apelos da tribuna para propor uma reflexão séria sobre a liberdade. Eles cuidadosamente desvendam os territórios filosóficos e antropológicos contidos no conceito e sustentam, na “contribuição da psicanálise para a revelação da verdade relacional e das cadeias afetivas que constituem o humano”, a possibilidade de uma *liberdade pensável*, apoiada em um projeto comum de caráter ético e ecológico.

A seguir, Abel Zanotto nos apresenta o reverso do triunfalismo messiânico da liberdade entendida como utopia narcisista. Em *Figuras do desamparo Século XXI*, ele argumenta que o desamparo ontológico do ser humano, longe de ser contido e diminuído pelo amor e pela responsabilidade, parece agora amplificado. Nas condições civilizatórias atuais, a fragilidade da condição humana originária adquire características catastróficas (Lewcovicz). Esse aspecto desafia particularmente o psicanalista, na medida em que deve atender pacientes cujo sofrimento tem raízes que, no fundo, são políticas. O romance social, como antes o romance do neurótico, exige que no espaço analítico se construa um reencontro com o “semelhante”, um trabalho de humanização para abrigar uma esperança possível.

Em seguida, apresentamos três artigos que exploram novamente desafios muito concretos da clínica psicanalítica. No primeiro deles, *Intervenções psicanalíticas na clínica do autismo infantil*, de Rafael Hernán Kröhling, são expostas particularidades na abordagem psicanalítica dessa condição, que atualmente tem tanto protagonismo na clínica infantil. Não é a primeira vez que esse tema aparece em nossas páginas. Sabemos que a psicanálise fez algumas primeiras abordagens ao tema que nem sempre foram as mais adequadas, por isso é relevante a tarefa de revisão teórico-clínica aqui proposta. E é ainda mais relevante na medida em que, como neste caso, se afina a questão do diagnóstico diferencial e as diferentes técnicas de trabalho que surgem como resultado disso. Da mesma forma, no artigo *Os transtornos da conduta alimentar e o furor curandis*, suas autoras Jackeline Morgan e Flavia Pareja retomam o problema dos transtornos alimentares, que também tem sido um tema recorrente na revista. Sua abordagem tenta estabelecer uma distinção operacional e necessária entre abordar uma problemática com as ferramentas psicanalíticas ou se concentrar na eliminação de um sintoma. Como ocorre com os comportamentos viciantes em geral, a demanda social exige respostas adaptativas, omitindo que o sintoma pode ser, como costuma ocorrer com os transtornos alimentares, a última fronteira diante da sensação de colapso psíquico iminente. Completando esta tríade de artigos clínicos, Lía Pitliuk, com sua proposta *Psicanálise em linha/online: convite a flutuar (mais ainda)*, questiona que a terapia virtual, que foi uma boa solução para oferecer assistência em uma circunstância especial e que ainda pode sê-lo em muitos casos, se torne uma ferramenta habitual, como se fosse simplesmente substituível pela experiência terapêutica presencial. O artigo descentraliza o problema da forma e o redireciona para os elementos constituintes da situação analítica. O que não se deve perder de vista em uma boa clínica é “O ‘flutuante’ da psique e das relações. No divã, na tela, na poltrona, no telefone”.

Se o leitor tem o hábito de ler os artigos de uma revista na ordem em que são apresentados, o trabalho a seguir pode parecer mais semelhante aos que são publicados no início deste número, uma vez que aborda um tema de grande atualidade social, como é a questão das identidades de gênero. Em *Além do binarismo: corpos, resquícios e posições subjetivas de gênero*, seu autor, Carlos Jibaba Zárate, tenta se colocar no lugar anunciado pelo título, além da batalha “entre essencialismo biológico e construtivismo social”. Ele faz isso com uma abordagem metapsicológica que oferece muito para pensar a partir da clínica, especialmente se, como analistas, nos sentimos interpelados por esses pacientes, cuja melhor compreensão não deveria ser encaixar em uma postura a priori. Para pensar analiticamente o tema, o autor o coloca na interseção entre a estrutura psíquica e sua relação com o desejo, por um lado, e, por outro, a matriz intersubjetiva implícita. O que se observa com essa perspectiva é que, mais do que responder a categorias fixas, os papéis de gênero fazem parte de uma espécie de encenação, onde se jogam “posições identificatórias múltiplas, contraditórias e multifacetadas”.

Para encerrar esta seção, propomos um artigo que sintetiza de maneira excelente os mundos complementares da clínica e da reflexão social e que, ao mesmo tempo, oferece ferramentas para pensar o novo, retomando a surpreendente atualidade de um autor clássico. *Os Afetos políticos em Sándor Ferenczi*, de Jô Gondar, retoma o tema da ternura despojada de toda idealização ingênua, colocando esse sentimento na base de uma socialização horizontal e emancipatória. A alternativa à violência não é a subjugação, que também é em si mesma violenta, mas a aceitação da vulnerabilidade mútua, a construção de uma sociabilidade baseada na interdependência. Com este artigo, propomos uma espécie de encerramento de um ciclo reflexivo circular que a seção apresenta sobre os problemas da sociedade contemporânea, as contribuições da psicanálise para sua compreensão e, finalmente, algumas ideias baseadas na antropologia psicanalítica que podem colaborar para encontrar alternativas.

Como é de praxe na nossa diagramação editorial, a seguinte seção é a que corresponde à **Diretoria de Pesquisas**. Também aqui há algumas conquistas que gostaríamos de destacar. O leitor atento poderá notar que os temas e a maioria dos autores desses três artigos já apareceram no Volume XIV, Nº 2, de 2023. Naquela ocasião, a Diretora de Pesquisas da FLAPPSIP, Marta de Giusti, os apresentou dizendo que eram os primeiros avanços das três linhas de pesquisa que haviam sido formadas em 2023, em resposta à convocatória da área. Agora temos o prazer de publicar algumas conclusões dos três trabalhos de pesquisa. Deve-se entender que essas equipes se mantiveram ao longo do tempo, avançaram em seu trabalho e produziram novos conhecimentos. São motivos para comemorar e continuar com essa linha de trabalho, com a qual a Federação se posiciona diante da interrogação sobre o que e como fazer pesquisa em psicanálise. O trabalho da Diretoria de Pesquisas resgatou de maneira fundamentada a especificidade do método clássico, por um

lado, mas também abriu portas para enriquecer nossa disciplina com outras metodologias do repertório qualitativo das ciências humanas. Sugerimos ao leitor que faça uma revisão dos artigos de Pesquisa publicados em 2023 antes de abordar os desta edição. Nas três linhas - *Psicossomática, Psicanálise e literatura infantil e adolescente, e Trajetórias das Assexualidades* - será possível observar, de maneira diferente em cada uma, as evidências de um trabalho de equipe, sustentado e fecundo. Nossa seção de **Entrevistas** é composta por conversas com duas das convidadas especiais do XIII Congresso. As colegas brasileiras Maria Beatriz Vannuchi, que integra nosso Comitê Editorial, e Flavia Bernardi tiveram um longo diálogo com Isildinha Baptista Nogueira. A entrevistada, que foi protagonista do Congresso não apenas pela sua contribuição específica, mas também por sua presença e participação em diversas mesas ao longo dos três dias, consegue tecer seu testemunho pessoal e sua trajetória intelectual em uma síntese que comove e desperta o pensamento de quem a escuta. Sua obra, em muitos sentidos *fundacional*, permitiu colocar o tema do racismo como objeto de estudo em um nível metapsicológico solidamente fundamentado, constituindo-se em referência incontornável para quem quiser abordá-lo hoje e no futuro. A segunda entrevista, com a historiadora peruana Carmen Mc Evoy, reúne um diálogo animado, onde a solidez do conhecimento da pesquisadora exaustiva se combina com o risco intelectual assumido na formulação de ideias em estado embrionário. O resultado é produtivo e fresco, estimulante para a reflexão e para o compromisso efetivo. Talvez duas circunstâncias tenham contribuído para que assim fosse. Por um lado, a conjuntura político-institucional do Peru, especialmente acalorada durante os dias do Congresso, e, por outro, o caráter dos entrevistadores, Tamara Durant e Giancarlo Portugal, ambos jovens psicanalistas peruanos. As luzes e sombras da trajetória histórica do Peru, em muitos sentidos paradigmática da história de todo o continente, geram, por meio desse diálogo interdisciplinar e intergeracional, motivos fundamentados para a esperança.

A seção de **Resenhas Bibliográficas**, que sempre busca trazer informações atualizadas para apoiar o trabalho dos psicanalistas, apresenta comentários de duas edições deste mesmo ano e uma de 2023. Esta última, escrita por Liber Rodríguez, comenta o livro *Viva a farra! A psicanálise argentina descobre o LSD*, de Krapp e Huergo. Trata-se de uma investigação que remonta a meados do século passado, quando uma circunstância quase novelística abre as portas para experimentos com drogas psicodélicas no âmbito da saúde mental na Argentina. Esse processo, com implicações científicas, éticas e culturais, antecipou-se em dez anos ao que Leary e outros levaram adiante durante a revulsiva década de 1960. Em ambos os casos, algumas questões ainda merecem interesse e precisam ser revisadas.

Quanto aos livros de 2025, o primeiro a ser comentado é *Amanhã, psicanálise! O trabalho de colocar o tratamento no paciente*, de L. A. Francischelli. O comentário de Liane Porn Dutra resgata a importância e a atualidade de se contar com ensaios sobre teoria da técnica. Partindo das recomendações freudianas que originaram o conceito de enquadramento, o texto problematiza a prática, refletindo sobre a necessidade de evitar o trabalho padronizado. Essa atitude, de alerta permanente ao “aqui e agora” dos tratamentos, pode se estender ao trabalho com os novos temas que surgem na clínica como reflexo das mudanças na cultura. O próprio título, que alude ao componente cíclico, cotidiano, da tarefa de analisar, leva a pensar que a atitude analítica é unitária, mas seu desdobramento concreto deve ser modulado “à medida” para cada situação clínica e para cada momento de sua evolução.

Finalmente, com a resenha de Daphne Gusieff Torres sobre *Adulterício. Anatomia de uma tragédia invisível*, cuja autora é a psicanalista argentina Hilda Catz, encerramos esta edição da Revista voltando à interação permanente entre psicanálise e cultura. Por um lado, a psicanálise se apresenta como uma teoria integral da condição humana, mas, por outro, as condições de subjetivação geradas pela matriz civilizatória hegemônica parecem tão deficientes que desafiam os pressupostos que a sustentam. A comentarista recomenda o livro para quem trabalha no acompanhamento e na formação das novas gerações, pois constitui uma ferramenta valiosa para abrir “uma reflexão urgente sobre a erótica do viver e a transmissão do futuro”.

E, afinal, é disso que se trata tudo isso.